



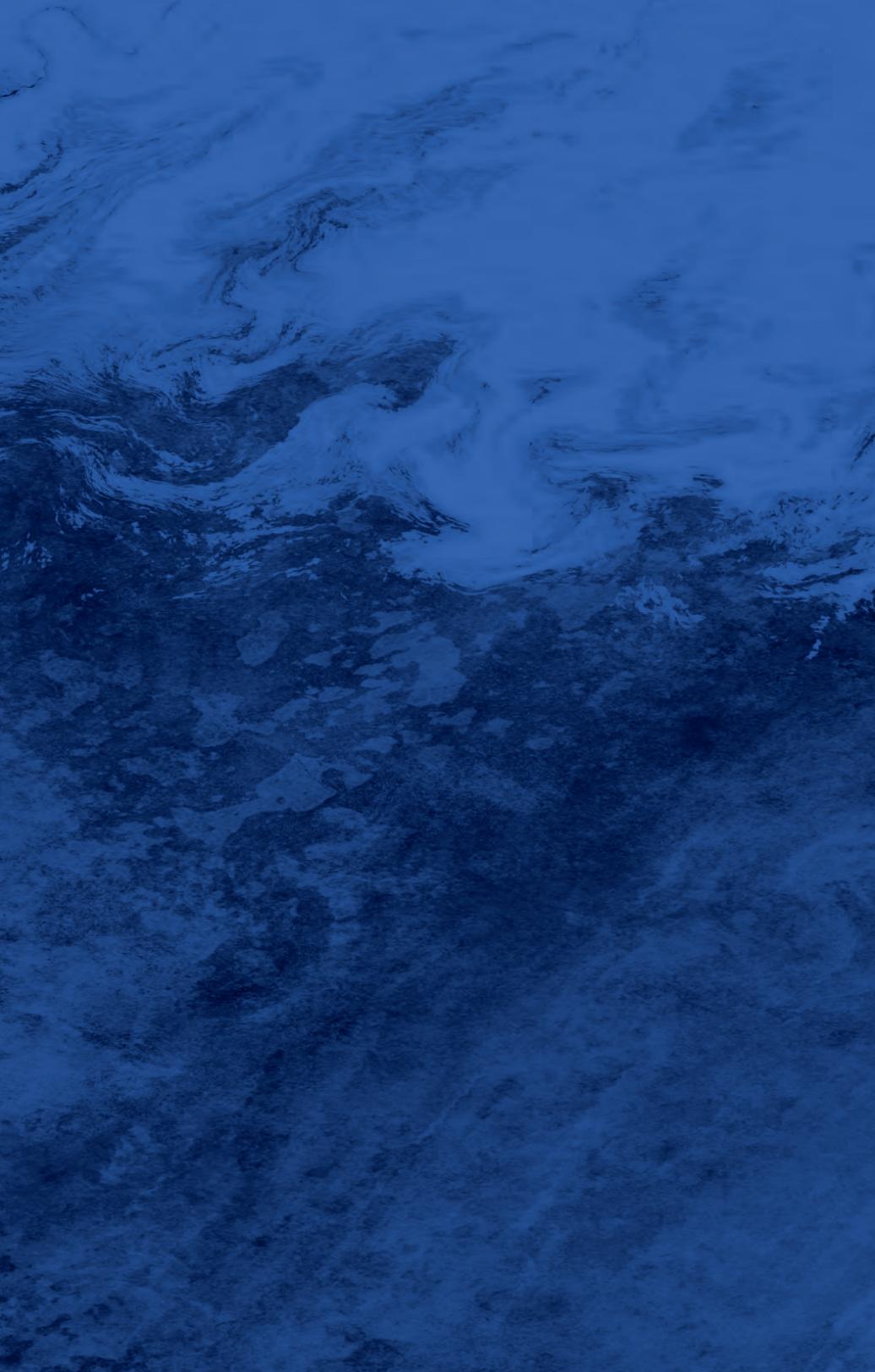
NEIL
GAIMAN

o
OCEANO
no
FIM
do
CAMINHO

intrínseca

Ilustrado por ELISE HURST

Tradução de RENATA PETTENGILL



— NEIL GAIMAN —

o OCEANO
no FIM do
CAMINHO



Ilustrado por
ELISE HURST

Tradução de
RENATA PETTENGILL

Copyright © 2013 by Neil Gaiman
Copyright das ilustrações © 2019 by Elise Hurst
Não é permitida a exportação desta edição para Portugal, Angola e Moçambique.

TÍTULO ORIGINAL: **THE OCEAN AT THE END OF THE LANE**

PREPARAÇÃO: **ILANA GOLDFELD**

REVISÃO: **GIU ALONSO | SHIRLEY LIMA**

PROJETO GRÁFICO, ADAPTAÇÃO DE CAPA E GUARDAS: **ANTONIO RHODEN**

DIAGRAMAÇÃO: **INÊS COIMBRA**

ARTE DE CAPA: **ELISE HURST**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G134o

2. ed.

Gaiman, Neil, 1960-

O oceano no fim do caminho / Neil Gaiman ; ilustração Elise Hurst ;
tradução Renata Pettengill. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.
336 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: The ocean at the end of the lane
ISBN 978-85-510-0914-7

1. Ficção inglesa. I. Hurst, Elise. II. Pettengill, Renata. III. Título.

23-87123

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

1ª edição FEVEIREIRO DE 2024

Impressão PACROM

Papel de miolo PÓLEN BOLD 70G

Papel de capa COUCHÉ BRILHO 150G

Tipografia GARAMOND PREMIER

Para Amanda,
que queria saber.

N.G.

Para Archer e
Samson, amigos dos gatos,
Aventureiros
Extraordinários.

E para Peter,
por tudo.

E.H.

Eu me lembro perfeitamente
da minha infância...
Eu sabia de coisas terríveis.
Mas tinha consciência de que
não deveria deixar que os
adultos descobrissem que eu sabia.
Eles ficariam horrorizados.

*Maurice Sendak, em conversa com Art Spiegelman,
na edição de 27 de setembro de 1993
da revista New Yorker.*



Era apenas um lago de patos, nos fundos da fazenda. Nada muito grande.

Lettie Hempstock dizia que era um oceano, mas eu sabia que isso não fazia o menor sentido. Lettie falou que elas haviam atravessado o oceano até ali, vindas da velha pátria.

Sua mãe dizia que Lettie não lembrava direito, e que tinha sido muito tempo atrás, e, de qualquer maneira, a velha pátria havia afundado.

A velha sra. Hempstock, avó de Lettie, argumentava que ambas estavam erradas, e que o lugar que afundara não era a velha pátria de verdade. Ela declarava recordar-se bem da velha pátria de verdade.

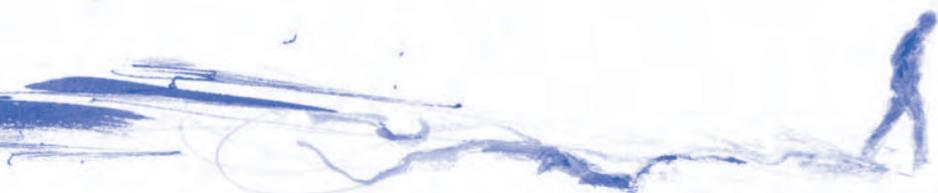
Afirmava que a velha pátria de verdade havia explodido.



Prólogo

Eu estava de terno preto, camisa branca, gravata preta e um par de sapatos pretos, bem engraxados e lustrosos: um traje que normalmente me deixaria desconfortável, como se estivesse usando um uniforme roubado ou fingindo ser adulto. Hoje me confortou, de certa forma. Era a roupa certa para um dia difícil.

Tinha cumprido meu dever pela manhã, dissera as palavras que me cabiam dizer com sinceridade e, em seguida, após a cerimônia religiosa, entrei no carro e dirigi sem rumo, sem planejamento, com mais ou menos uma hora para matar antes de ver mais gente que havia anos não encontrava, distribuir mais apertos de mãos e beber várias xícaras de chá na mais fina porcelana. Dirigi pelas sinuosas estradas rurais de Sussex, das quais me lembrava apenas parcialmente, até que me vi a caminho do centro da cidade, então sem pensar peguei outra via, dobrei à esquerda e depois à direita. Foi só



então que percebi para onde estava indo, para onde ia desde o começo, e fiz uma careta, consciente de minha ausência de bom senso.

Eu estava dirigindo a caminho de uma casa que havia décadas não existia mais.

Pensei em dar meia-volta nesse momento, quando já seguia por uma pista larga que um dia fora uma estradinha de pedras ao lado de um campo de cevada, em retornar e deixar o passado em paz. Mas fiquei curioso.

A casa velha na qual morei por sete anos, dos cinco aos doze, essa foi derrubada e sumiu do mapa. A nova, que meus pais construíram nos fundos do jardim, entre os arbustos de azaleias e o círculo verde na grama — que chamávamos de anel de fadas —, essa foi vendida trinta anos atrás.

Reduzi a velocidade do carro ao ver a casa nova. Para mim, seria sempre a casa nova. Parei na entrada de veículos, reparando no modo como seguia o estilo arquitetônico de meados da década de 1970. Eu tinha esquecido que os tijolos eram marrom-escuros. A pequena varanda da minha mãe fora transformada pelos novos moradores num jardim de inverno de dois andares. Observei a casa com o olhar fixo, encontrando menos lembranças da minha adolescência do que esperava: nem dos tempos bons, nem dos ruins. Eu tinha morado naquele lugar, por um tempo. Não parecia fazer parte de nada do que eu era agora.

Engatei a ré e saí da entrada de veículos.

Eu sabia que era hora de ir para a casa movimentada e acolhedora da minha irmã, toda arrumada e preparada para



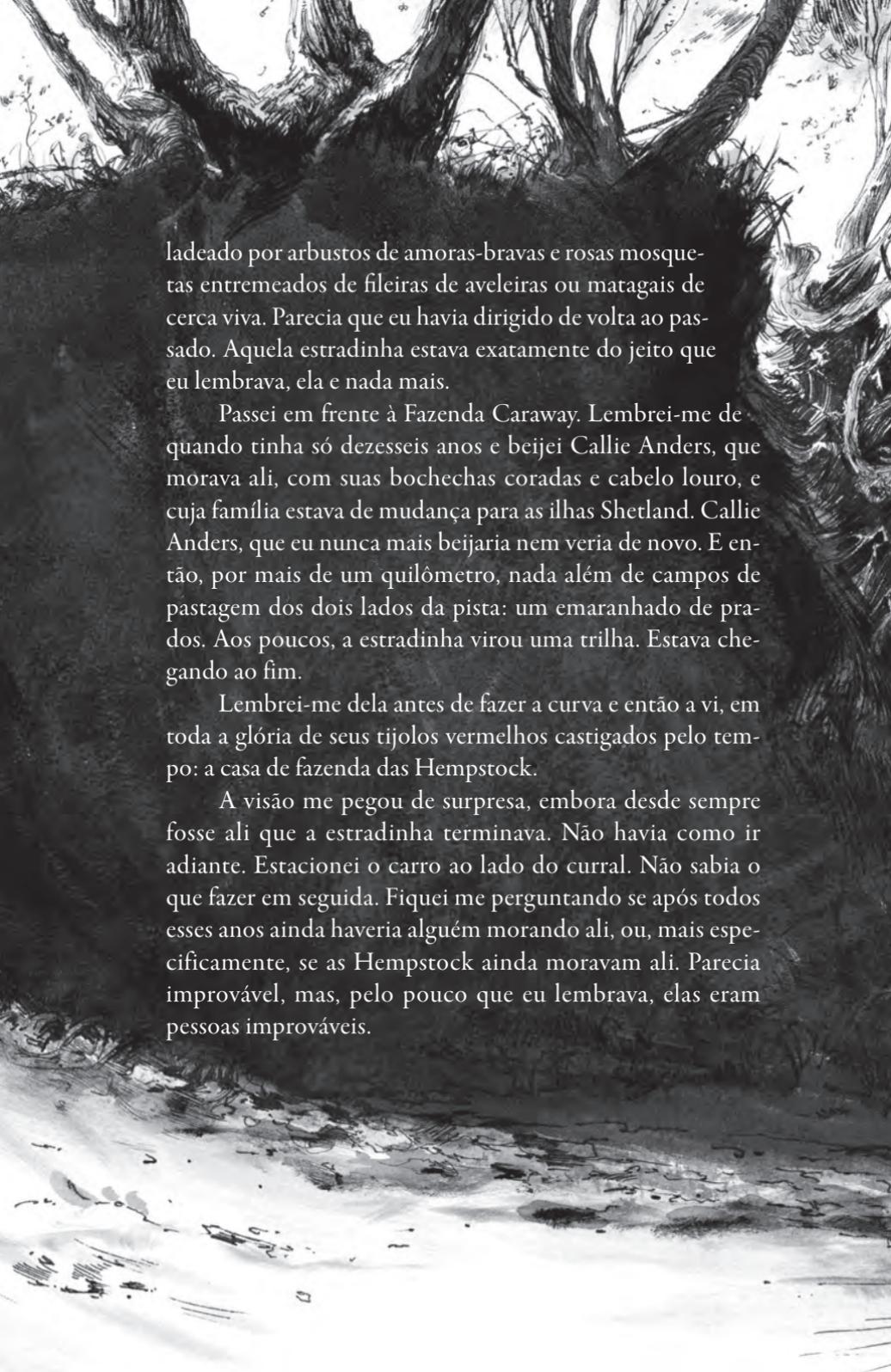


a ocasião. Conversaria com pessoas cuja existência eu apagara da memória havia anos, e elas perguntariam sobre meu casamento (fracassado dez anos atrás, um relacionamento que foi se desgastando lentamente até que um dia, como sempre parece acontecer, chegou ao fim), e se eu estava namorando alguém (não estava; não sabia nem se conseguiria, não por enquanto), e perguntariam sobre meus filhos (crescidos, com suas próprias vidas, queriam muito ter podido vir), e sobre meu trabalho. (O trabalho vai bem, obrigado, eu diria, sempre sem saber como falar do que faço. Se conseguisse falar, não precisaria fazer. Eu faço arte, às vezes arte verdadeira, e às vezes isso preenche os espaços vazios da minha existência. Alguns. Nem todos.) Falaríamos sobre os que já se foram. Nós nos lembraríamos dos mortos.

A estradinha rural da minha infância era agora uma rua pavimentada, o asfalto preto servindo de divisória entre dois enormes condomínios de casas. Dirigi por ela, afastando-me da cidade, na direção contrária à que deveria ir, e a sensação foi boa.

A pista negra e lisa tornou-se mais estreita, mais sinuosa, transformando-se na estradinha de uma faixa só da qual eu me lembrava, da minha infância, depois em terra batida e pedrinhas arredondadas, brancas como ossos.

Logo eu guiava lentamente o carro, aos solavancos, por um caminho estreito

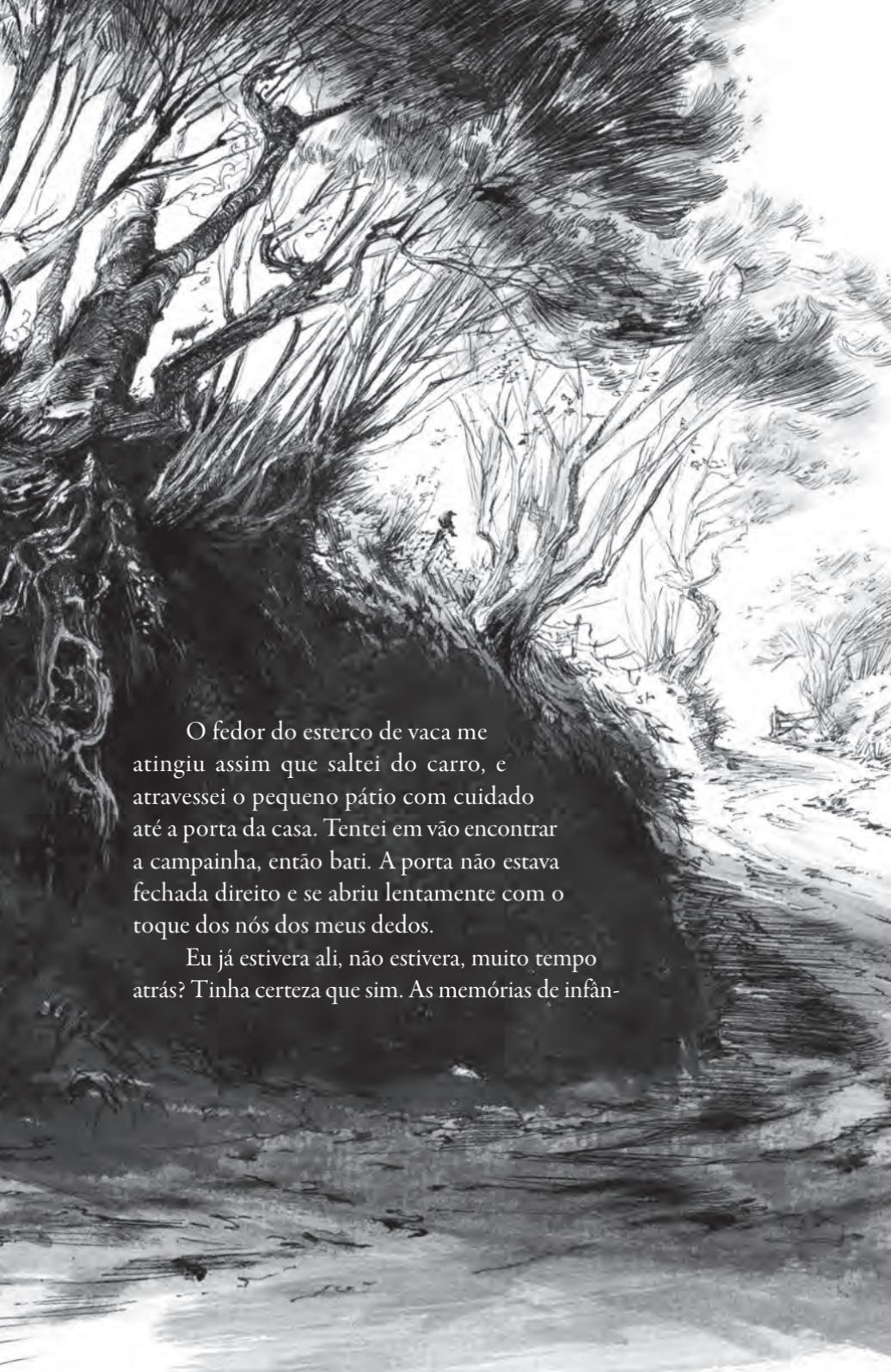


ladeado por arbustos de amoras-bravas e rosas mosqueadas entremeados de fileiras de aveleiras ou matagais de cerca viva. Parecia que eu havia dirigido de volta ao passado. Aquela estradinha estava exatamente do jeito que eu lembrava, ela e nada mais.

Passei em frente à Fazenda Caraway. Lembrei-me de quando tinha só dezesseis anos e beijei Callie Anders, que morava ali, com suas bochechas coradas e cabelo louro, e cuja família estava de mudança para as ilhas Shetland. Callie Anders, que eu nunca mais beijaria nem veria de novo. E então, por mais de um quilômetro, nada além de campos de pastagem dos dois lados da pista: um emaranhado de prados. Aos poucos, a estradinha virou uma trilha. Estava chegando ao fim.

Lembrei-me dela antes de fazer a curva e então a vi, em toda a glória de seus tijolos vermelhos castigados pelo tempo: a casa de fazenda das Hempstock.

A visão me pegou de surpresa, embora desde sempre fosse ali que a estradinha terminava. Não havia como ir adiante. Estacionei o carro ao lado do curral. Não sabia o que fazer em seguida. Fiquei me perguntando se após todos esses anos ainda haveria alguém morando ali, ou, mais especificamente, se as Hempstock ainda moravam ali. Parecia improvável, mas, pelo pouco que eu lembrava, elas eram pessoas improváveis.



O fodor do esterco de vaca me atingiu assim que saltei do carro, e atravessei o pequeno pátio com cuidado até a porta da casa. Tentei em vão encontrar a campainha, então bati. A porta não estava fechada direito e se abriu lentamente com o toque dos nós dos meus dedos.

Eu já estivera ali, não estivera, muito tempo atrás? Tinha certeza que sim. As memórias de infân-

cia às vezes são encobertas e obscurecidas pelo que vem depois, como brinquedos antigos esquecidos no fundo do armário abarrotado de um adulto, mas nunca se perdem por completo. Parei na saleta na entrada da casa e falei:

— Olá? Tem alguém aí?

Nenhuma resposta. Senti cheiro de pão no forno, de lustra-móveis e madeira antiga. Meus olhos demoraram a se adaptar à escuridão; esquadrinhei o ambiente e já me preparava para dar meia-volta e ir embora quando uma senhora surgiu na saleta mal iluminada segurando um pano branco. Seus cabelos eram grisalhos e compridos.

— Sra. Hempstock? — falei.

Ela inclinou a cabeça para o lado, olhou para mim.

— Sim. Eu *conheço* você, meu jovem — disse ela.

Não sou jovem. Não mais.

— Conheço, sim, mas as coisas ficam confusas quando se chega à minha idade — prosseguiu a mulher. — Quem é você, mesmo?

— Acho que eu devia ter uns sete, oito anos, talvez, na última vez em que estive aqui.

Ela, então, sorriu.

— Você era amigo da Lettie? Lá do início da estrada?

— A senhora me serviu um copo de leite. Estava quente, tirado das vacas. — Então me dei conta de quantos anos haviam se passado, e falei: — Não, não foi a senhora quem fez isso. Deve ter sido sua mãe quem me serviu o copo de leite. Perdão.

Quando envelhecemos, ficamos iguais aos nossos pais; viva o suficiente e verá os rostos se repetirem com o tempo.

Eu me lembrava da sra. Hempstock, mãe de Lettie, como uma mulher corpulenta. A senhora na minha frente era magra, franzina e tinha uma aparência frágil. Era igual à mãe dela, que eu conhecera como a velha sra. Hempstock.

Às vezes, quando me olho no espelho, vejo o rosto do meu pai, não o meu, e me lembro do jeito como ele sorria sozinho, diante do espelho, antes de sair de casa. “Que bela figura”, dizia ao próprio reflexo. “Que bela figura.”

— Você veio ver a Lettie? — perguntou a sra. Hempstock.

— Ela está aqui?

A sugestão me causou surpresa. Lettie havia *se mudado* para algum lugar, não? Para os Estados Unidos?

A senhora fez que não com a cabeça.

— Eu já ia pôr a chaleira no fogo. Você aceita um chazinho?

Hesitei. Então respondi que, se ela não se importasse, eu gostaria de ir até o laguinho primeiro.

— Laguinho?

Sabia que Lettie se referia ao lago de um jeito engraçado. Eu me lembrava disso.

— Ela o chamava de mar. Algo assim.

A velha senhora colocou o pano em cima da cômoda.

— Não dá para beber água do mar, não é mesmo? Salgada demais. É como sorver o sangue da vida. Lembra o caminho? Dá para chegar lá contornando a casa. É só seguir a trilha.

Se você tivesse me perguntado uma hora antes, eu teria respondido que não, eu não lembrava o caminho. Não acho

nem que teria me lembrado do nome de Lettie Hempstock. Mas ali, de pé naquela saleta, tudo estava voltando. As lembranças estavam à espreita nos arredores das coisas, acenando para mim. Se você me dissesse que eu tinha novamente sete anos, por um breve instante eu quase poderia acreditar.

— Obrigado.

Fui até o curral. Passei pelo galinheiro e pelo antigo estábulo, margeando o limite do terreno, lembrando-me de onde estava e do que vinha em seguida, e feliz por saber. As aveléiras demarcavam o prado. Colhi um punhado de avelãs verdes e as guardei no bolso.

O lago está logo ali, pensei. Só preciso dar a volta nesse galpão e o verei.

Avistei-o e me senti curiosamente orgulhoso de mim mesmo, como se aquele pequeno ato da memória tivesse soprado algumas teias de aranha daquele dia.

O lago era menor do que eu lembrava. Havia um pequeno galpão de madeira na outra margem e, perto da trilha, um banco antigo e pesado de madeira e ferro. As ripas descascadas haviam sido pintadas de verde fazia poucos anos. Sentei-me e fiquei olhando o reflexo do céu no lago, a camada de lentilhas-d'água nas margens e uma meia dúzia de ninfeias. De vez em quando, jogava uma avelã no meio do lago, o lago que Lettie Hempstock chamava de...

Não era de mar, era?

Ela devia estar mais velha do que eu agora, Lettie Hempstock. Tinha apenas uns poucos anos a mais naquela época, apesar do jeito peculiar de falar. Tinha onze anos.



E eu... quantos anos eu tinha? Foi depois do fiasco da festa de aniversário. Disso eu me lembrava. Então devia ter sete.

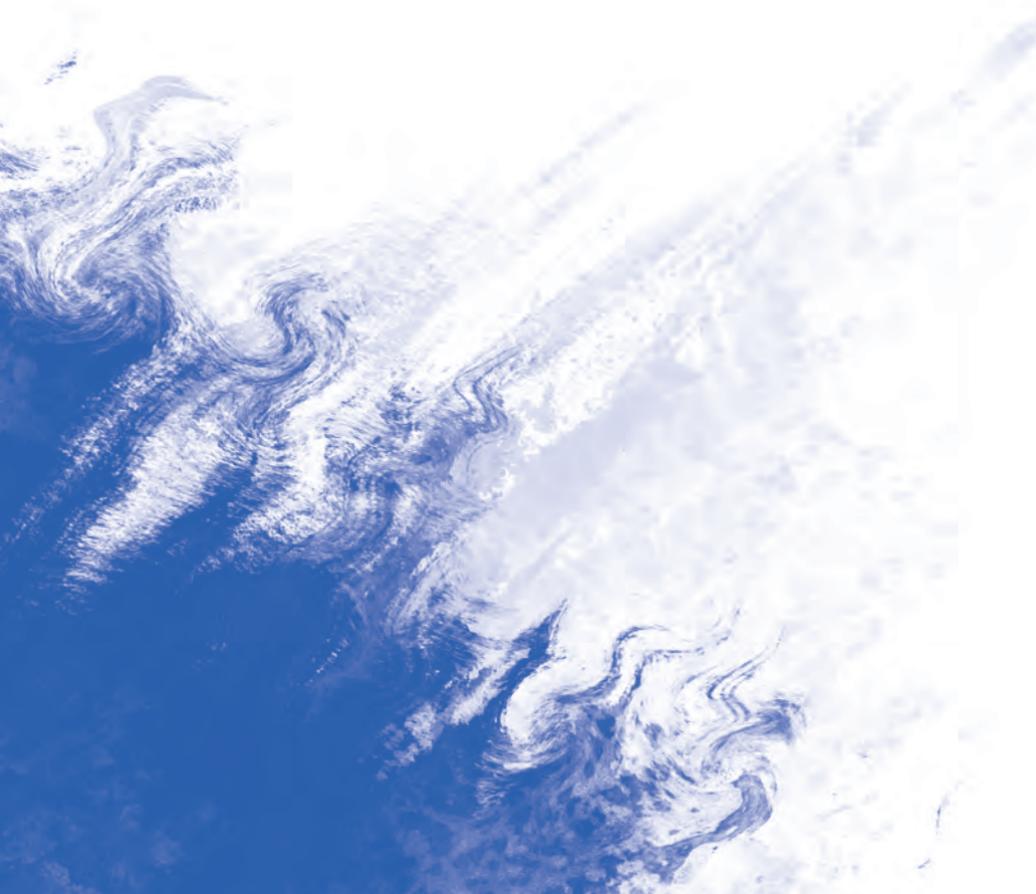
Fiquei tentando lembrar se havíamos chegado a cair na água. Será que eu tinha empurrado Lettie no lago de patos, aquela menina esquisita que morava na fazenda bem no fim do caminho? Eu me lembrava dela na água. Talvez ela tivesse me empurrado também.

Para onde ela foi? Estados Unidos? Não, *Austrália*. Era isso. Algum lugar bem longe.

E não era mar. Era oceano.

O oceano de Lettie Hempstock.

Lembrei-me disso, e, ao lembrar, lembrei-me de tudo.





Ninguém foi à minha festa de aniversário de sete anos. Havia uma mesa arrumada com gelatinas e pavês, um chapéu de festa ao lado de cada prato e, no meio, um bolo com sete velas. Em cima dele, um livro desenhado com glacê. Minha mãe, que organizara a festa, contou que a moça da confeitaria confessara que eles nunca haviam colocado um livro num bolo de aniversário, e que faziam, para a maioria dos meninos, bolas de futebol ou naves espaciais. Eu fui o primeiro livro dela.

Quando ficou claro que ninguém apareceria, minha mãe acendeu as sete velas e eu as soprei. Comi uma fatia do bolo, como também o fizeram minha irmã caçula e uma de suas amigas (ambas participando da festa como observadoras, e não como convidadas), antes de baterem em retirada, rindo, para o jardim.

Minha mãe tinha preparado brincadeiras para a festa, mas, como não havia ninguém lá, nem mesmo minha irmã, nenhuma delas foi realizada, e eu mesmo desembulhei o presente da brincadeira “passa o pacote”, enrolado em várias folhas de jornal, revelando um boneco de plástico azul do Batman.

Estava triste por ninguém ter ido à minha festa, mas feliz por ganhar um boneco do Batman, e ainda havia um presente de aniversário esperando para ser lido: a coleção completa de *As crônicas de Nárnia*, que levei para o meu quarto. Deitei na cama e me perdi nas histórias.

Gostei disso. Livros eram mais confiáveis que pessoas, de qualquer forma.

Meus pais também tinham me dado o LP *O melhor de Gilbert e Sullivan*, que se somou aos dois que eu já possuía. Eu adorava Gilbert e Sullivan desde os três anos, quando a irmã mais nova do meu pai, minha tia, me levou para ver *Iolanthe*, uma ópera cheia de lordes e fadas. Achei a existência e a natureza das fadas mais fáceis de entender que as dos lordes. Ela morreu pouco tempo depois, de pneumonia, no hospital.

Naquela noite, meu pai chegou do trabalho trazendo uma caixa de papelão. Dentro havia um gatinho, um filhotinho de gênero indefinido com pelo preto e macio, a quem chamei logo de Fofinho, e que amei total e incondicionalmente.

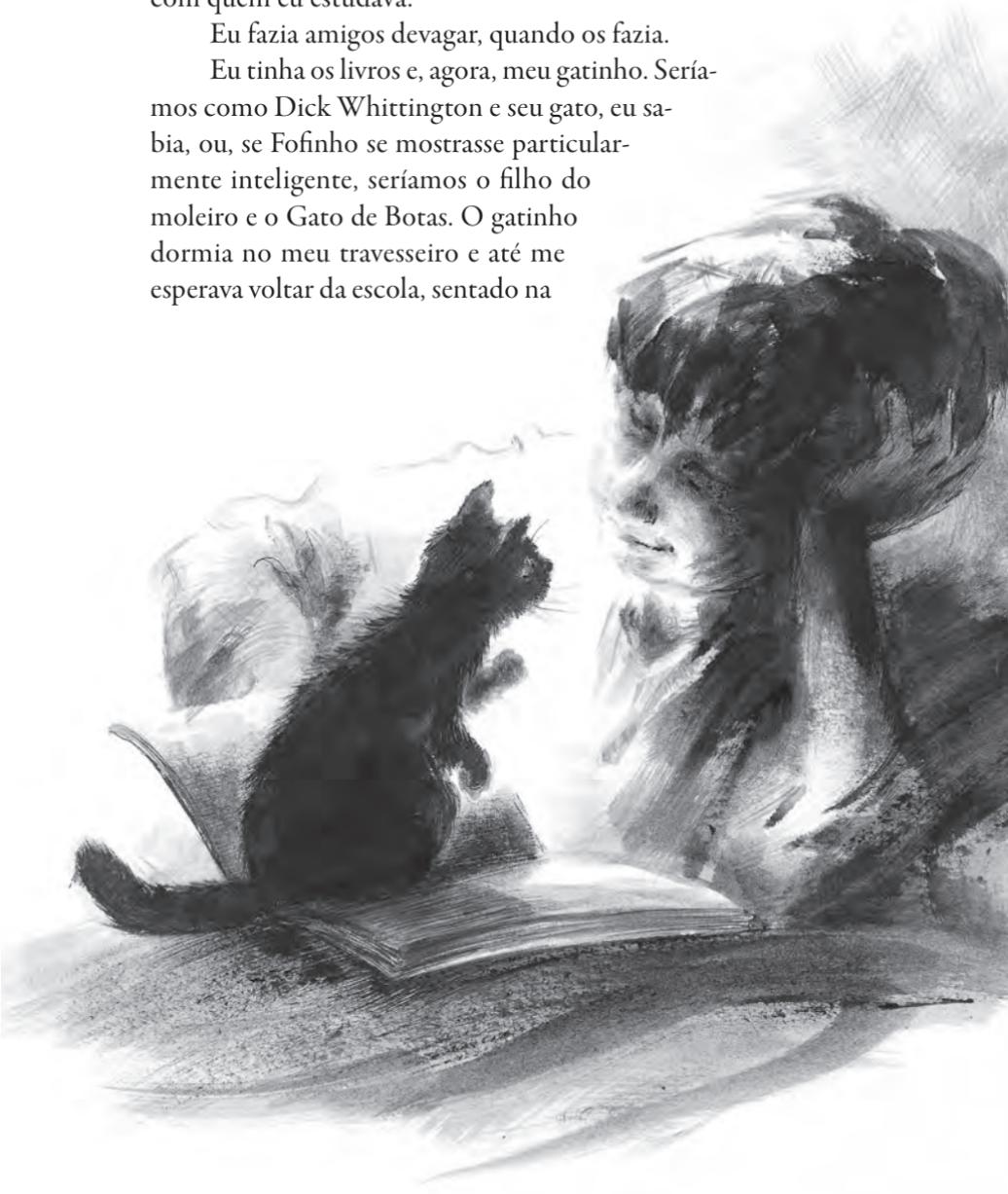
À noite, Fofinho dormia na minha cama. Eu falava com o gatinho, às vezes, quando minha irmãzinha não estava por perto, com alguma esperança de que ele respondesse numa língua humana. Isso nunca aconteceu. Eu não me importava. O gatinho era carinhoso, atencioso e um bom companheiro para alguém cuja festa de aniversário de sete anos se resumira a uma mesa com biscoitos confeitados, um manjar, um bolo e quinze cadeiras dobráveis vazias.

Não me lembro de jamais haver perguntado a nenhuma das crianças da minha turma no colégio o motivo de não

terem ido à minha festa. Eu não precisava perguntar. Eles não eram meus amigos, na verdade. Eram apenas as pessoas com quem eu estudava.

Eu fazia amigos devagar, quando os fazia.

Eu tinha os livros e, agora, meu gatinho. Seríamos como Dick Whittington e seu gato, eu sabia, ou, se Fofinho se mostrasse particularmente inteligente, seríamos o filho do moleiro e o Gato de Botas. O gatinho dormia no meu travesseiro e até me esperava voltar da escola, sentado na



entrada de veículos na frente da casa, perto da cerca, até que um mês depois foi atropelado pelo táxi que trazia o minerador de opala que ficaria hospedado em nossa casa.

Eu não estava lá quando aconteceu.

Cheguei da escola naquele dia e meu gatinho não estava me esperando. Na cozinha, havia um homem alto e magro, a pele marrom-clara, a camisa xadrez. Ele tomava um café à mesa. Dava para sentir o cheiro. Naquela época todo café era instantâneo, um pó marrom-escuro e amargo que vinha num pote de vidro.

— Infelizmente, me envolvi num pequeno acidente ao chegar — disse ele, em um tom animado. — Nada com que se preocupar.

Falava de um jeito diferente, com um sotaque engraçado: o primeiro sul-africano que conheci na vida.

Na mesa à sua frente, também tinha uma caixa de papelão.

— O gatinho preto, ele era seu? — perguntou.

— O nome dele é Fofinho — respondi.

— É. Como disse. Um acidente ao chegar. Nada com que se preocupar. Me livrei do corpo. Não precisa se incomodar. Resolvi o problema. Pode abrir a caixa.

— O quê?

Ele apontou para a caixa.

— Pode abrir — repetiu.

O minerador de opala era um homem bem alto. Estava de calça jeans e camisa xadrez todas as vezes que o vi, exceto a última. Usava uma grossa corrente de ouro amare-

lo-claro no pescoço. Ela também havia desaparecido da última vez que o vi.

Eu não queria abrir aquela caixa. Queria sumir dali, desaparecer. Queria chorar a morte do meu gatinho, mas não podia fazer isso com gente por perto me observando. Queria viver meu luto. Queria enterrar meu amigo nos fundos do jardim, logo depois do anel de fadas de grama verdinha, dentro da caverna formada pelo arbusto de rododendros, atrás da pilha de aparas de grama, aonde ninguém além de mim jamais ia.

A caixa se mexeu.

— Comprei para você — disse o homem. — Sempre pago minhas dívidas.

Estendi o braço, levantei a tampa da caixa e me perguntei se aquilo era alguma brincadeira, se meu gatinho estaria lá dentro. Em vez disso, uma cara ruiva me olhou, com uma expressão feroz.

O minerador de opala tirou o gato da caixa.

Era um macho enorme, o pelo rajado de laranja e branco, e faltava-lhe meia orelha. O gato me olhou com raiva. Não gostou de ter sido colocado numa caixa. Não estava acostumado a caixas. Estendi a mão para acariciar sua cabeça, sentindo como se traísse a memória do meu gatinho, mas o bicho se retraiu para eu não encostar nele, grunhiu para mim e então seguiu para um canto distante do cômodo, onde sentou-se, olhou e odiou.

— *Aí está. Gato por gato* — disse o minerador de opala, e bagunçou meu cabelo com a mão que lembrava couro.

Então saiu para o corredor, me deixando na cozinha com o gato que não era o meu gatinho.

O homem espiou por detrás da porta.

— O bicho se chama Monstro — falou.

Aquilo me pareceu uma piada de mau gosto.

Deixei a porta da cozinha aberta, para que o gato pudesse sair. Então subi até meu quarto, me deitei na cama e chorei pelo falecido Fofinho. Quando meus pais chegaram em casa à noite, não creio que meu gatinho tenha sido sequer mencionado.

Monstro morou conosco por uma semana ou pouco mais. Eu colocava comida de gato na tigela para ele de manhã e de novo à noite, como fazia para o meu gatinho. Ele ficava sentado perto da porta dos fundos até que eu ou outra pessoa o deixasse sair. Nós o víamos no jardim, passando entre um arbusto e outro, ou nas árvores, ou na grama. Dava para rastrear seus movimentos pelos chapins-azuis e sabiás mortos que encontrávamos no jardim, mas não o víamos com muita frequência.

Eu sentia saudade do Fofinho. Sabia que seres vivos não podiam ser simplesmente substituídos, mas não ousei me queixar a meus pais. Eles teriam ficado perplexos com minha comoção: afinal, apesar de meu gatinho ter sido atropelado e morto, também havia sido substituído. O dano fora remediado.

Tudo me voltava à memória, mas, mesmo enquanto lembrava, eu sabia que não seria por muito tempo: eu me lembrava de todas as coisas ali, sentado no banco ver-

de ao lado do laguinho que Lettie Hempstock um dia me convenceu ser um oceano.







Eu não era uma criança feliz, ainda que, de vez em quando, ficasse contente. Vivia nos livros mais que em qualquer outro lugar.

Nossa casa era grande e tinha vários cômodos, o que era bom quando a compramos e meu pai tinha dinheiro, e nada bom depois.

Meus pais me chamaram no quarto deles certa tarde, muito formalmente. Achei que tivesse feito algo errado e que estava lá para levar uma bronca, mas não: eles apenas me contaram que não eram mais financeiramente prósperos, que todos precisaríamos fazer sacrifícios e que eu teria que abrir mão do meu quarto, o pequeno cômodo no alto da escada. Fiquei triste: nele havia uma pequena pia amarela, bem do meu tamanho, instalada especialmente para mim; o quarto ficava em cima da cozinha, bem no fim da escada que saía da sala de tevê, e assim, à noite, eu conseguia ouvir lá do alto o burburinho tranquilizador da conversa dos adultos, pela porta entreaberta, e não me sentia sozinho. Além disso, no meu quarto, ninguém se incomodava se a porta ficasse entreaberta, deixando entrar a quantidade certa de luz para espantar o



medo do escuro e, o que era igualmente importante, permitindo que eu lesse escondido depois da hora de dormir, à luz fraca do corredor, se precisasse. Eu sempre precisava.

Exilado no quarto enorme da minha irmã caçula, eu não fiquei triste. Já havia três camas lá, e eu escolhi a que ficava encostada na janela. Adorava poder sair pela janela do quarto para a varanda comprida de tijolos, poder dormir com a janela aberta e sentir o vento e a chuva em meu rosto. Mas nós brigávamos, minha irmã e eu, por qualquer coisa. Ela gostava de dormir com a porta fechada, e as discussões instantâneas sobre se a porta do quarto deveria ficar aberta



ou não foram sumariamente encerradas por minha mãe ao criar uma tabela que ficava pendurada atrás da porta, mostrando quais noites eram alternadamente minhas ou da minha irmã. A cada noite eu ficava tranquilo ou apavorado, dependendo de a porta estar aberta ou fechada.

Meu antigo quarto no topo da escada passou a ser alugado, e as mais variadas pessoas passaram por ali. Eu via todas elas com desconfiança: estavam dormindo no meu quarto, usando minha pequena pia amarela que tinha o tamanho certo para mim. Houve uma austríaca gorda que nos contou que conseguia sair da própria cabeça e andar pelo teto; um estudante de arquitetura da Nova Zelândia; um casal de americanos que minha mãe, escandalizada, expulsou de casa ao descobrir que não eram casados de fato, e agora havia o minerador de opala.

Ele era sul-africano, embora tenha enriquecido com mineração de opala na Austrália. Presenteou a mim e à minha irmã com uma opala cada um, uma pedra bruta preta com nuances verdes, azuis e vermelhas. Minha irmã gostava dele por causa disso, e venerava a opala. Eu não conseguia perdoá-lo pela morte do meu gatinho.

Era o primeiro dia das férias de primavera: três semanas sem aula. Acordei cedo, empolgado com a perspectiva de dias a fio a serem preenchidos do jeito que eu quisesse. Eu ia ler. E explorar.

Vesti o short, a camiseta e calcei as sandálias. Desci até a cozinha. Meu pai estava ao fogão, enquanto minha mãe dormia até mais tarde. Estava de roupão por cima do pijama. Meu pai sempre preparava o café da manhã de sábado.

— Pai! Cadê minha revistinha? — perguntei.

Ele normalmente comprava um exemplar da *SMASH!* para mim antes de voltar de carro do trabalho às sextas-feiras, e eu a lia nas manhãs de sábado.

— No banco de trás do carro. Quer torrada?

— Quero — respondi. — Mas não queimada.

Meu pai não gostava de torradeiras. Ele torrava o pão usando o grill do nosso forno, e geralmente ficava queimado.

Saí e fui até a entrada de veículos. Olhei ao redor. Voltei para casa, empurrei a porta da cozinha, entrei. Eu adorava a porta da cozinha. Era de vaivém, abria para dentro e para fora, de forma que, sessenta anos antes, os empregados pudessem entrar e sair com os braços carregados de pratos cheios ou vazios.

— Pai? Cadê o carro?

— Na entrada de veículos.

— Não, não está.

— *O quê?*

O telefone tocou, e meu pai foi até o corredor, onde ficava o aparelho, para atendê-lo. Eu o ouvi conversando com alguém.

A torrada começou a fumar no grill.

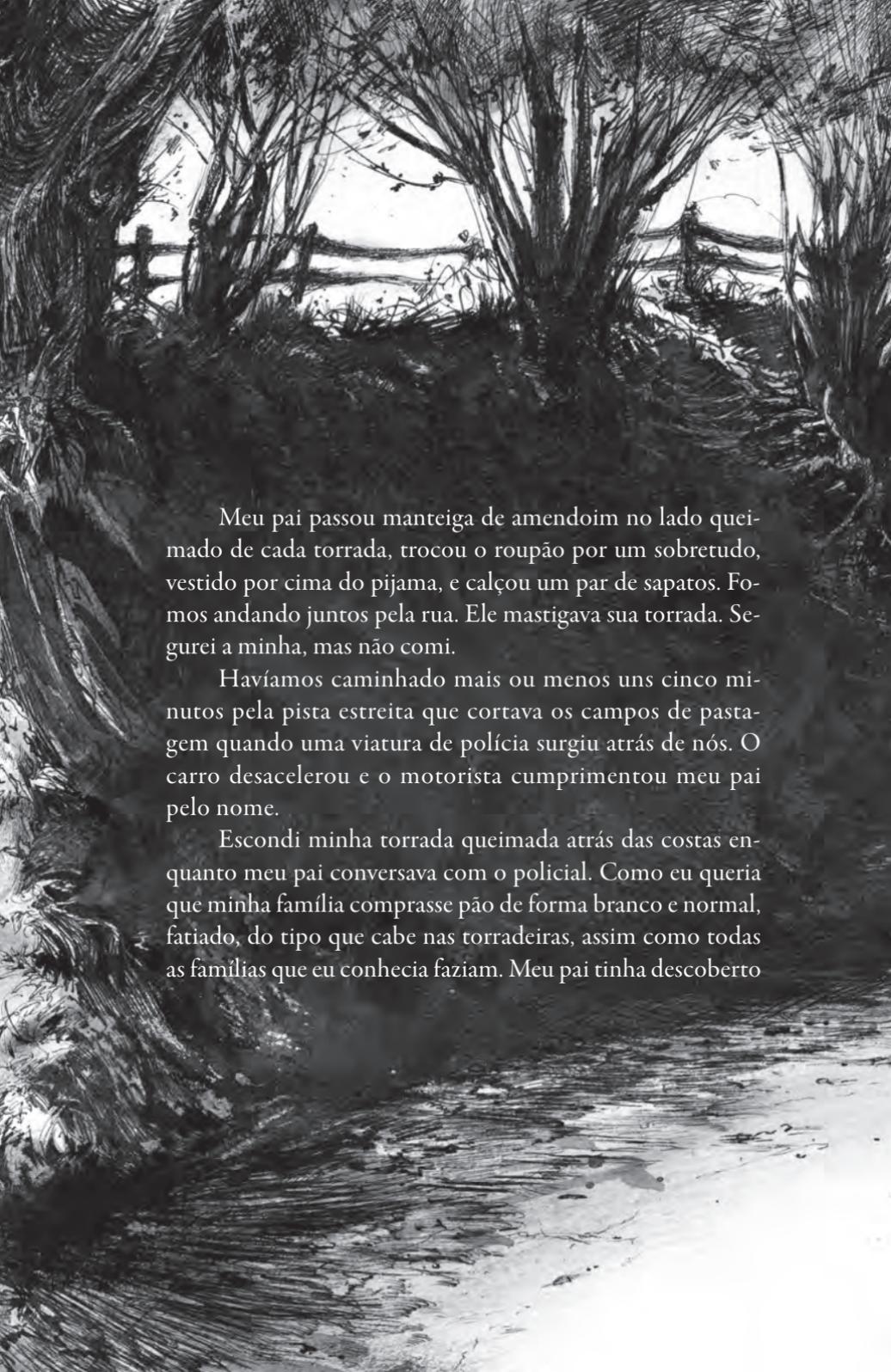
Subi numa cadeira e desliguei o forno.

— Era a polícia — disse meu pai. — Alguém avisou que viu nosso carro abandonado no fim da rua. Falei que ainda não tinha nem comunicado o roubo. Pois bem. Podemos ir até lá agora, encontrá-los no local. *Torrada!*

Ele tirou o tabuleiro do forno. A torrada soltava fumaça e estava preta de um dos lados.

— Minha revistinha está lá? Ou foi roubada?

— Não sei. A polícia não falou nada sobre a revista.



Meu pai passou manteiga de amendoim no lado queimado de cada torrada, trocou o roupão por um sobretudo, vestido por cima do pijama, e calçou um par de sapatos. Fomos andando juntos pela rua. Ele mastigava sua torrada. Segurei a minha, mas não comi.

Hávamos caminhado mais ou menos uns cinco minutos pela pista estreita que cortava os campos de pastagem quando uma viatura de polícia surgiu atrás de nós. O carro desacelerou e o motorista cumprimentou meu pai pelo nome.

Escondi minha torrada queimada atrás das costas enquanto meu pai conversava com o policial. Como eu queria que minha família comprasse pão de forma branco e normal, fatiado, do tipo que cabe nas torradeiras, assim como todas as famílias que eu conhecia faziam. Meu pai tinha descoberto



uma padaria perto de casa que fazia pães integrais inteiros, grossos e pesados, e insistia em comprá-los. Dizia que o gosto era melhor, o que, na minha opinião, não fazia o menor sentido. Pão de forma que se preze é branco, vem fatiado, e tem gosto de quase nada: e era assim que tinha que ser.

O motorista do carro de polícia saltou, abriu a porta do banco traseiro e disse para eu entrar. Meu pai foi no banco da frente, ao lado dele.

A viatura seguiu devagar pela pista. Naquela época não havia asfalto em nenhum ponto da estrada, que só era larga o bastante para que um carro passasse por vez, um caminho cheio de poças d'água, subidas e descidas íngremes, esburacado, com pedras pontudas e repleto de valas abertas por tratores, pela chuva e pelo tempo.

— Essa garotada — disse o policial. — Acham isso engraçado. Roubam um carro, dão umas voltas e depois o abandonam. Devem ser da região.

— Só estou feliz por ter sido encontrado tão depressa — comentou meu pai.

Veio a Fazenda Caraway, onde uma menina de cabelos quase brancos de tão louros e bochechas bem vermelhas ficou nos observando passar. Segurei minha torrada queimada no colo.

— O estranho é terem largado o carro aqui — disse o policial. — Porque esse lugar fica bem longe de tudo.

Fizemos uma curva e vimos o Mini branco fora da pista, em frente à porteira de um campo de pastagem, os pneus atolados na lama marrom. Passamos por ele com a viatura e

estacionamos na grama à beira da estrada. O policial abriu a porta para mim, e nós três caminhamos até o Mini, enquanto ele contava a meu pai sobre a criminalidade na região e por que era óbvio que aquilo tinha sido feito pela garotada dali mesmo, e então meu pai abriu a porta do carona do carro dele com a chave reserva.

— Alguém deixou alguma coisa no banco de trás — disse ele.

Meu pai esticou o braço para dentro do carro e puxou a manta azul que cobria a tal coisa no banco de trás, mesmo o policial lhe dizendo que não devia fazer aquilo, e eu olhava fixamente para o banco porque era ali que estava a minha revista em quadrinhos, então vi tudo.

Era mesmo uma *coisa*, aquilo para o qual eu olhava, não uma *pessoa*.

Embora eu tivesse uma imaginação bastante fértil na infância e fosse propenso a pesadelos, convenci meus pais a me levarem ao museu de cera Madame Tussauds, em Londres, quando tinha seis anos, porque queria visitar a Câmara dos Horrores, esperando encontrar as Câmaras dos Horrores dos filmes de monstro sobre as quais eu lia nos quadrinhos. Minha expectativa era poder vibrar com os bonecos de cera do Drácula, do Frankenstein e do Lobisomem. Em vez disso, fui guiado por uma sequência aparentemente interminável de dioramas mostrando homens e mulheres comuns, de olhar desalentado, que haviam assassinado outras pessoas — geralmente inquilinos e os próprios familiares — e, por sua vez, também haviam sido mortos: por enforcamento, na

cadeira elétrica, em câmaras de gás. A maioria era retratada ao lado das vítimas em situações estranhas de convívio social, como por exemplo sentados a uma mesa de jantar, possivelmente enquanto os familiares envenenados davam seu último suspiro. As plaquinhas que explicavam quem eles eram também me informaram que a maioria havia assassinado a família e vendido os corpos para a *anatomia*. Foi aí que, para mim, a palavra *anatomia* ganhou um quê de pavor. Eu não sabia o que era *anatomia*. Só sabia que a *anatomia* fazia as pessoas matarem os filhos.

A única coisa que me impediu de sair correndo e gritando da Câmara dos Horrores durante a visita foi que nenhum dos bonecos de cera parecia muito convincente. Não dava para parecerem mortos de verdade, já que nunca tinham parecido vivos.

A coisa no banco de trás, que estivera coberta pela manta azul (eu *conhecia* aquela manta... era a que ficava no meu antigo quarto, na prateleira, para quando esfriava), também não era convincente. Parecia um pouco com o minerdador de opala, mas estava de terno preto, camisa branca de babados e gravata-borboleta preta. O cabelo, penteado para trás, tinha um brilho artificial. Os olhos estavam vidrados, e os lábios, arroxeados, mas a pele estava bem corada. Como uma paródia de saúde. Não havia nenhuma corrente de ouro no pescoço.

Dava para ver, debaixo da coisa, dobrado e amassado, o meu exemplar da *SMASH!* com o Batman na capa, tal como ele aparecia na televisão.

Não lembro quem disse o que naquele momento, só que me mandaram ficar longe do Mini. Atravessei a pista e esperei lá, sozinho, enquanto o policial falava com meu pai e escrevia num bloquinho de anotações.

Olhei para o Mini. Uma mangueira de jardim verde ia do cano de descarga até a janela do motorista. Havia uma camada grossa de lama marrom espalhada pela descarga, prendendo a mangueira no lugar.

Ninguém estava olhando para mim. Dei uma mordida na torrada. Queimada e fria.

Em casa, meu pai comia todas as torradas mais queimadas. “Humm!”, dizia, “Carvão! Bom para a saúde!”, “Torrada queimada! Minha preferida!”, e devorava tudo. Quando eu já era bem mais velho, ele me confessou que jamais gostou de torrada queimada, só comia para não desperdiçar, e, por uma fração de segundo, minha infância inteira pareceu uma grande mentira: foi como se um dos pilares de fé sobre os quais meu mundo fora erigido tivesse se desfeito em pó.

O policial falou pelo rádio no painel da viatura.

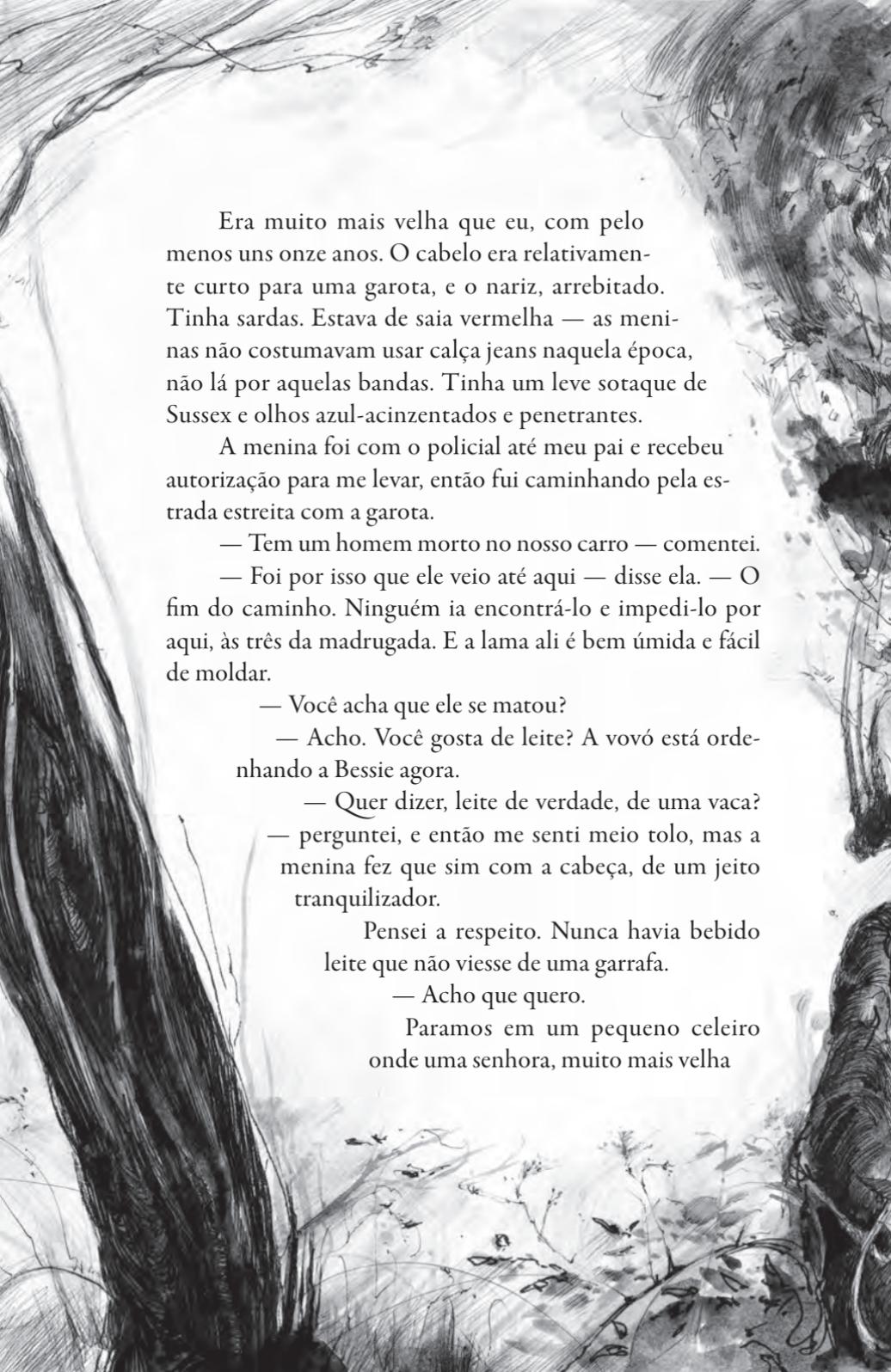
Então atravessou a pista e se aproximou de mim.

— Sinto muito por isso, filho — disse ele. — Daqui a pouco, virão mais alguns carros por essa estrada. Precisamos achar um lugar para você, onde possa esperar sem atrapalhar. Quer se sentar no banco de trás da minha viatura de novo?

Fiz que não com a cabeça. Não queria mais me sentar lá.

Alguém, uma menina, falou:

— Ele pode vir comigo para a fazenda. Sem problema nenhum.



Era muito mais velha que eu, com pelo menos uns onze anos. O cabelo era relativamente curto para uma garota, e o nariz, arrebitado. Tinha sardas. Estava de saia vermelha — as meninas não costumavam usar calça jeans naquela época, não lá por aquelas bandas. Tinha um leve sotaque de Sussex e olhos azul-acinzentados e penetrantes.

A menina foi com o policial até meu pai e recebeu autorização para me levar, então fui caminhando pela estrada estreita com a garota.

— Tem um homem morto no nosso carro — comentei.

— Foi por isso que ele veio até aqui — disse ela. — O fim do caminho. Ninguém ia encontrá-lo e impedi-lo por aqui, às três da madrugada. E a lama ali é bem úmida e fácil de moldar.

— Você acha que ele se matou?

— Acho. Você gosta de leite? A vovó está ordenhando a Bessie agora.

— Quer dizer, leite de verdade, de uma vaca? — perguntei, e então me senti meio tolo, mas a menina fez que sim com a cabeça, de um jeito tranquilizador.

Pensei a respeito. Nunca havia bebido leite que não viesse de uma garrafa.

— Acho que quero.

Paramos em um pequeno celeiro onde uma senhora, muito mais velha



que meus pais, o cabelo comprido e grisalho como teias de aranha e o rosto magro, estava de pé ao lado de uma vaca. Longos tubos pretos estavam acoplados às tetas do animal.

— A gente ordenhava as vacas manualmente — disse a garota. — Mas assim é mais fácil.

Ela me mostrou como o leite saía da vaca, seguia pelos tubos pretos e entrava na máquina, passando por um mecanismo de refrigeração, e caía em latões enormes. Os latões eram deixados em uma plataforma de madeira maciça do lado de fora do celeiro, onde eram coletados todo dia por um caminhão.

A senhora me serviu um copo do leite cremoso da Bessie, a vaca, ainda fresco, antes de passar pelo mecanismo de refrigeração. Nada do que eu bebera na vida tinha um gosto como aquele: era encorpado, quente, enchendo minha boca de felicidade. Mesmo quando eu já tinha me esquecido de todo o resto, ainda conseguia me lembrar daquele leite.

— Tem mais deles lá no início da estrada — disse a velha, de repente. — De todos os tipos, chegando com as sirenes piscando e tudo mais. Quanto rebuliço. Você deveria levar o garoto para a cozinha. Ele está com fome, e um copo de leite não vai encher a barriga de um menino em fase de crescimento.

A menina perguntou:

— Você já comeu?

— Só uma torrada. Estava queimada.

— Meu nome é Lettie. Lettie Hempstock — disse ela.

— Esta é a Fazenda Hempstock. Venha.

Ela me levou para dentro de casa pela porta da frente e me guiou até a cozinha gigantesca, onde me colocou sentado a uma enorme mesa de madeira, cheia de marcas e nós que pareciam rostos me encarando.

— Tomamos o café da manhã cedo por aqui — disse ela. — A ordenha começa assim que o dia nasce. Mas tem mingau na panela, e geleia para colocarmos nele.

Ela me deu uma tigela de porcelana cheia de mingau de aveia quente servido diretamente da panela que estava no fogão, com uma colherada de geleia de amora caseira, minha preferida, bem no meio, e então derramou creme de leite por cima. Misturei tudo com a colher antes de comer, criando um redemoinho roxo, e aquilo me deixou mais feliz que qualquer outra coisa na vida. O gosto era divino.

Uma mulher atarracada entrou na cozinha. O cabelo castanho-avermelhado era curto e salpicado de fios brancos. Tinha as maçãs do rosto salientes, vestia uma saia verde-escura até os joelhos e galochas.

— Esse deve ser o menino lá do início da estrada. Quanta confusão por causa daquele carro. Daqui a pouco cinco deles vão precisar de chá — disse ela.

Lettie encheu uma enorme chaleira de cobre com água da torneira. Acendeu uma das bocas do fogão a gás com um fósforo e pousou a chaleira na chama. Em seguida, pegou cinco canecas lascadas de um armário, e hesitou, olhando para a mulher, que disse:

— Tem razão. Seis. O médico virá também.

Então a mulher franziu os lábios e soltou um muxoxo.

— Não viram o bilhete — disse ela. — Ele o escreveu com tanto cuidado, dobrou e guardou no bolso do paletó, e ninguém olhou lá ainda.

— O que o bilhete diz? — perguntou Lettie.

— Leia você mesma — retrucou a mulher.

Presumi que fosse a mãe da Lettie. Parecia ser mãe de alguém.

Então ela continuou:

— O bilhete diz que ele pegou todo o dinheiro que os amigos tinham lhe pedido que tirasse clandestinamente da África do Sul e depositasse num banco na Inglaterra para eles, e também tudo o que ganhou ao longo dos anos com a mineração de opalas, e foi até o cassino em Brighton, mas só pretendia apostar o que era dele. Depois ia mexer na quantia dos amigos só até recuperar o que havia perdido. — E completou: — E então ficou sem nada, e tudo era escuridão.

— Só que não foi isso que ele escreveu — disse Lettie, estreitando os olhos. — O que deixou escrito foi:

A todos os meus amigos,

Sinto muito que nada tenha saído como planejei e espero que possam me perdoar em seus corações, porque eu mesmo não consigo.

— Dá no mesmo — disse a mulher. Depois virou-se para mim: — Sou a mãe da Lettie — anunciou. — Você já deve ter conhecido a minha mãe, no galpão de ordenha.

Uma história sobre crianças, adultos e os monstros que os assombram, best-seller de Neil Gaiman ganha edição ilustrada em capa dura

Trabalho revolucionário de um mestre da literatura, *O oceano no fim do caminho* foi publicado em 2013 e logo se tornou um best-seller mundial. Agora, o aclamado livro de Neil Gaiman ganha uma edição em capa dura ilustrada pela artista Elise Hurst, um conto de fadas comovente que nos convida a repensar as maravilhas e o lado sombrio da infância.

Em Sussex, na Inglaterra, um homem de meia-idade volta à casa em que cresceu para um funeral. Embora a construção não seja mais a mesma, ele é atraído para a fazenda no fim da estrada, onde, aos sete anos, conheceu uma garota extraordinária, Lettie Hempstock, que morava lá com a mãe e a avó.

Ele não pensava em Lettie há décadas, mas ao se sentar à beira do lago nos fundos da velha casa, o mesmo a que ela se referia como um oceano, o passado esquecido ressurge como uma forte maré.

Quarenta anos antes, a morte de um homem despertou consequências inimagináveis, e Lettie — com magia, amizade e a sabedoria digna de alguém com muito mais de onze anos — prometeu protegê-lo, não importasse o que acontecesse.

Autor de clássicos como *Deuses americanos* e *Coraline*, Neil Gaiman revisita e reimagina a própria infância em *O oceano no fim do caminho*, uma obra marcante e melancólica sobre memória, amadurecimento e sobrevivência. Nesta edição ilustrada, colorida e em capa dura, o traço de Elise Hurst traduz com perfeição o universo mágico, sombrio e inesquecível criado por Gaiman.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/o-oceano-no-fim-do-caminho-ilustrado/>